

DEPOIMENTO*

Nelson Cardoso

Eu gostaria de saudar o pessoal da organização desse evento, também o pessoal, nossos companheiros do MST. Gostaria de dizer que para nós não é nenhum demérito afirmar que a gente se inspira na forma de luta, na organização, na mística do MST, que tem sido um exemplo, não só no Brasil, mas também em nível internacional de organização e de luta.

Para falar da Central de Movimentos Populares, a gente tem que voltar um pouco à década de 80, quando surgiu a ANAMPOS, que articulou os movimentos populares e o movimento sindical e iniciou o que seria uma discussão da necessidade de estar inserido na discussão nacional de formas de intervenção.

A Central de Movimentos Populares até 1983 estava junto com o movimento sindical; a partir daí surgiu a Central Única dos Trabalhadores. No 8º Encontro Nacional da ANAMPOS é que foi criada a Pró-Central; em 1992 foi realizada a II Plenária dos Movimentos Populares; e em 1993 o I Congresso da Central de Movimentos Populares.

Nesse I Congresso, em Praia Grande, estiveram presentes delegações dos 22 estados do Brasil, com 1.200 delegados; nesse momento a gente já começava a ter uma idéia mais concreta da dificuldade, do desafio que era construir uma Central de Movimentos Populares.

Hoje à tarde mesmo, a gente comentava que a Central de Movimentos Populares articula diversos tipos de movimento, pois além do movimento de luta pela moradia e do movimento popular de saúde, nós temos o grupo que está dentro do setorial de mulheres, o Movimento de Mulheres Quebradeiras de Côco da Bahia, temos a participação dos deficientes, ou, melhor dizendo, dos portadores de necessidades especiais, dos homossexuais, dos punks. Todos esses movimentos

* Este texto é transcrição da palestra. (N. da C.E.)

participam das várias instâncias da Central: coordenação, encontros, plenárias, congresso. É uma diversidade muito grande, e a gente tenta utilizar essa diversidade de forma positiva, para que a gente possa estar contribuindo na transformação da sociedade.

Para explicar como funciona a Central, um ponto-chave dentro dos movimentos é a questão da autonomia. Porque, se os movimentos ficarem submetidos a partidos políticos ou a qualquer outro tipo de instituição de poder, os movimentos não vão se colocar na sociedade em condição de reclamar e de buscar novos caminhos. Então, autonomia é uma questão fundamental para a gente.

A questão da democracia dentro do movimento tem que ser uma coisa muito valorizada, porque é uma forma de estar despertando, de estar abrindo espaço para novas lideranças, porque se dentro das organizações de base a gente não tiver garantido espaço para que novas lideranças possam surgir, possam estar assumindo cargos dirigentes, nós estaremos caminhando para trás, e como a gente pretende ser um movimento de massa, tem que estar garantido o espaço para que, cada vez mais, novas lideranças possam surgir.

Quando a gente fala nisso lembro um pouco a música do Raul Seixas que fala “a mosca da sopa”. A gente tem que estar num determinado estágio para que, se eles cooptarem, se eles destruírem alguma liderança nossa, a gente tenha um quadro para estar assumindo o papel e dando continuidade às nossas lutas.

Uma outra questão muito importante para a Central de Movimentos Populares é que, apesar dos muitos excluídos que teriam que estar fazendo um enfrentamento, fazendo uma luta de resistência a esse projeto neoliberal, ainda somos poucos falando por muitos. A dificuldade que as pessoas têm hoje de participar, é por falta de clareza — porque elas não tiveram a oportunidade de um conhecimento melhor de tudo o que está acontecendo por causa dos meios de comunicação, que são usados para enganar, para escamotear a verdade e alienar o povo brasileiro. É uma luta muito difícil que a gente faz: luta contra a maré, contra a correnteza, para poder estar esclarecendo as pessoas para que elas venham para o nosso lado e assumam as lutas do povo.

A questão do movimento ser de base é fundamental, porque se o movimento não tiver uma participação na sua base, ele não consegue fazer grandes mobilizações. Porque é o companheiro presidente de uma associação de moradores, é a companheira coordenadora da Pastoral

da Criança, são essas pessoas que, na hora que a gente precisa mobilizar o povo para cobrar nossos direitos — dos governantes, de quem for preciso —, vão estar aglutinando e chamando o povo para contribuir.

A gente não pode, de forma alguma, deixar de ser classista, porque para defender os interesses dessa minoria que está mandando no país há muitos anos eles têm todas as formas, têm o Judiciário, têm a imprensa — a grande imprensa está aí a serviço dessa elite. A gente precisa garantir que essas entidades, que esses movimentos tenham esse caráter classista para defender os interesses dos excluídos, daqueles que estão sendo marginalizados pelo poder vigente.

A gente precisa estar colocando na ordem do dia a questão da representatividade, porque hoje a gente ouve muito falar em conselho disto, conselho daquilo, mas a gente precisa tomar o máximo cuidado com esses conselhos. Eles podem, na verdade, legitimar certas políticas que são mais uma vez para massacrar e excluir ainda mais o povo.

Então, a questão da representatividade se dá da seguinte forma: uma associação de moradores, seja qual for, tem que ser de todos os moradores; que todos os associados daquela entidade estejam se sentindo representados pelos seus dirigentes. Tem que ter canais que garantam, se for preciso, a mudança dos dirigentes, ou chamá-los para uma discussão mais profunda dos encaminhamentos que estão sendo dados para a entidade. Isso deve ser feito de uma forma que essas lideranças, esses dirigentes, não se sintam os donos da bola e acabem não representado os interesses da maioria.

Hoje a Central de Movimentos Populares tem o papel até de peitar esse governo e questionar; de colocar o governo, como a gente viu aí em muitos momentos, na defensiva. A gente tem a UNE e as demais organizações do movimento estudantil nos estados, nos municípios, mas a Central dos Movimentos Populares está principalmente nas grandes cidades, que é onde que se dá o maior enfrentamento.

Porque nesses grandes centros o desemprego e a falta de políticas públicas jogaram as pessoas numa situação em que àquele que não tiver um mínimo de espaço para poder se organizar, para poder fazer parte de um movimento de lutas, só resta mesmo a mendicância. E essa chamada nova — mas que para a gente não é tão nova assim — organização política e econômica, não só aqui do Brasil mas também do mundo, joga cada vez mais pessoas para o campo dos excluídos, e as formas de enfrentamento estão muito desiguais. Hoje à tarde mesmo, quando a

gente estava conversando, a gente falava que, dentro dos nossos movimentos da periferia, das favelas, dos próprios acampamentos de sem-teto, o nível de cooptação é muito grande. Eles, os do governo, aproveitam, muitas vezes, a situação daquele líder de um assentamento, de uma associação de bairro, que está desempregado, com a luz cortada, sem água; é nesse momento que eles chegam oferecendo qualquer tipo de ajuda financeira e a gente acaba perdendo os nossos quadros por causa dessa situação que eles mesmos criaram, e que acabam tirando proveito.

A questão que eu acho fundamental hoje na situação do Brasil, e que já se arrasta por toda a nossa história, é a questão da concentração de renda. O MST pega fundo na questão do latifúndio; é fundamental a questão da reforma agrária porque a situação é clara, dá para medir em passo, em metro, em hectare a questão da concentração. Mas, na nossa relação urbana, o que a gente está vendo é que eles ainda não despertaram para isso; na medida em que aumenta o desemprego e o número de pessoas marginalizadas e excluídas, aumenta também a violência nos grandes centros. Isso tem levado essas pessoas que estão aí com grandes fortunas a viver cada vez mais isoladas. A gente vê por todos os lados os condomínios fechados e essas pessoas cercadas de grades e de muros. Se houvesse uma distribuição de renda melhor aqui no nosso país, com certeza as pessoas viveriam com mais felicidade e de uma forma que não precisasse viver todo esse desespero que a gente tá passando hoje em dia.

Em relação a essa situação complicada que a gente vive no Brasil e nos demais países do Terceiro Mundo, que chamam de periféricos, a gente está em melhor condição, porque no Brasil a gente pode ter muita esperança. Se o povo está buscando, cada vez mais, formas de organização e nós temos aqui condições diferentes das da maioria dos lugares do mundo —condições climáticas, condições de subsolo, condições geográficas excelentes—, dá para fazer daqui um país para todos, um país com condições de vida mínimas para os brasileiros.

Nós da Central de Movimentos Populares realizamos agora nesse mês,* nosso II Congresso Nacional. Nesse congresso, a leitura que fizemos da conjuntura é que os movimentos populares, os movimentos

* 13 a 16 de maio. (N. da C.E.)

sociais aliados com todas as instituições democráticas desse país, podem estar apontando uma saída para essa crise que não é uma crise criada pelo povo brasileiro, mas por essa minoria que está mandando no país há muitos anos. Nós acreditamos que podemos ter uma saída para essa crise, que contemple a maioria do povo brasileiro. Eles são muito habilidosos, não podemos subestimar, basta ver a forma como foi construído esse governo que está aí. O próprio sujeito Fernando Henrique Cardoso — quem acompanha os noticiários políticos se lembra — era um candidato que teve dificuldade até para se reeleger deputado federal, e muito mais para se eleger senador. Houve toda uma articulação das elites, depois do susto que ela levou nas eleições de 1989, no sentido de buscar um consenso em que se contemplava justamente a elite agrária (do latifúndio), os grandes banqueiros e a imprensa — essa grande imprensa que hoje é um dos escândalos que existe; essa imprensa que, na maioria das vezes, tem colocado nos jornais, nos telejornais e nas rádios um discurso já preparado, mandado através de *release*. Os jornais só se prestam ao papel de reproduzir aquilo que é mandado por esses governantes.

É importante também lembrar que a gente fala muito na questão da elite, do modelo neoliberal, mas a gente não pode esquecer que os governos populistas também são tão perversos para os excluídos quanto o governo neoliberal, porque ele consegue, através de uma cortina de fumaça, com doação de cestas básicas, de alguns favores a quem se encontra na miséria, fazer com que as pessoas aplaudam o massacre que está acontecendo, do roubo de direitos de cidadania, que cada vez mais é colocada em segundo plano. As pessoas não conseguem nem mesmo o direito das condições mínimas de sobrevivência.

Uma coisa que tem que ser colocada em nível estadual, é esse governo que gasta o dinheiro público com propagandas e mais propagandas, dizendo que está trazendo emprego para o Paraná. Na verdade, ele está pegando esse dinheiro e dando subsídios para essas multinacionais; emprego, mesmo, tem trazido muito pouco. Muitas pessoas têm vindo para cá, de outros estados, aumentando ainda mais os bolsões de miséria e de pobreza no nosso estado.

Uma coisa que nos chama atenção e nos faz acreditar cada vez que a gente precisa lutar, precisa transformar tudo isso que está aí colocado, é o fato de ter um governo que dá subsídios para taxa de água e de luz para as multinacionais e ao mesmo tempo arranca o cavalete

daquele desempregado que não consegue pagar o seu talão de água no União da Vitória, no Olímpico, no Santa Fé, e em outros bairros.*

Nós estamos ainda bastante limitados em nossa organização, temos muito ainda para fazer, mas temos a certeza de que, se a gente não deixar a peteca cair, se continuar nos assentamentos, na periferia, a todo momento chamando os companheiros e mostrando para eles que hoje o único caminho que existe é a luta para transformar essa sociedade, nós vamos ainda conseguir ver muita coisa mudar. Porque nós precisamos, além de mobilizar as massas na periferia, organizar esses companheiros; precisamos da contribuição de setores importantes, como a universidade. Vocês mesmos, como alunos que estão tendo a oportunidade de estudar, que vão ter um grau de formação muito grande, podem contribuir dentro dos movimentos através de assessorias, de organizações não-governamentais. Uma coisa que a gente vê acontecer é alunos demonstrando sensibilidade ao nosso movimento enquanto estão estudando, enquanto estão fazendo suas monografias. Mas depois que se formam cada um vai cuidar da sua vida particular. E conseguindo um emprego numa empresa particular, só ficam contemplando e assistindo. Para transformar essa sociedade a gente vai precisar da contribuição de todos, principalmente de vocês que estão tendo a oportunidade de cursar o terceiro grau e que podem, através dessa formação, dessas informações que vocês estão tendo, contribuir para que, no futuro, a gente tenha uma sociedade justa, fraterna e democrática.

Nelson Cardoso é membro da Central de Movimentos Populares (CMP).

* Os bairros citados pertencem à cidade de Londrina, no Paraná. (N. da C.E.)